Dia 9 — São Dionísio e Seus Companheiros, Mártires

Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires Dionísio Areopagita, bispo, Rústico, presbítero, e Eleutério, em Paris: Dionísio foi batizado pelo apóstolo São Paulo e ordenado primeiro bispo de Atenas; logo, tendo ido a Roma, o papa São Clemente o enviou às Gálias a pregar o Evangelho: chegou a Paris e por espaço de alguns anos desempenhou fielmente seu apostólico ministério. Finalmente, depois de haver sido atormentado com diverso gênero de tormentos, por ordem do governador Fescenino foi degolado juntamente com seus companheiros, alcançando assim a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

A memória do santo Patriarca Abraão, pai de todos os crentes, no mesmo dia. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Domnino, mártir, em Júlia, na via Cláudia, no território de Parma, no tempo do imperador Maximiano; o qual, querendo fugir à fúria da perseguição, tendo-o atravessado com uma espada os que o seguiam em seu alcance, morreu gloriosamente.

Santo Deusdedit, abade, no Monte Cassino; foi metido numa prisão por ordem do tirano Sicardo, onde morreu de fome e de miséria (no ano 834).

São Ghislain (Gisleno), bispo e confessor, em Hainaut; tendo renunciado ao bispado, fundou um mosteiro onde viveu esclarecido em muitas virtudes.

São Luís Bertrão, da Ordem dos Pregadores, em Valência, na Espanha Tarraconense; o qual, cheio de um espírito apostólico, confirmou com a inocência de sua vida e com muitos milagres o Evangelho que havia pregado aos americanos. (Veja-se sua vida entre as de amanhã.)

Os santos Andrônico e Anastásia, sua mulher, em Jerusalém.

Santa Publia, abadessa, em Antioquia; a qual, cantando com suas monjas estes versos de Davi: «Os ídolos dos gentios não são mais que prata e ouro» e «Sejam semelhantes a eles os que os fabricam», como acertasse a passar por ali ao mesmo tempo o imperador Juliano o Apóstata, por mandato seu foi esbofeteada e asperamente repreendida.

São Dionísio e Seus Companheiros, Mártires

Foi São Dionísio de uma das mais nobres famílias da cidade de Atenas; nasceu oito ou nove anos depois do nascimento do Salvador e seus pais o criaram cuidadosamente, tanto nas ciências como nas superstições do gentilismo. Estudou na mesma célebre cidade, aonde concorriam de todas as partes os maiores engenhos por ser a mais famosa universidade de toda a Grécia. Floresciam nela todas as ciências e artes liberais, mas sobretudo a filosofia e a astronomia; em ambas se adiantou muito Dionísio; e para aperfeiçoar-se nas matemáticas fez uma viagem a Heliópolis. Estando nesta cidade, observou aquele milagroso eclipse do sol que sucedeu na morte do Salvador, pontualmente no mesmo plenilúnio. Não ignorava Dionísio que, não mediando algum corpo sólido entre a terra e o sol, como não era possível que mediasse estando cheia a lua, necessariamente havia de ser sobrenatural aquele eclipse; e em virtude disso, assombrado daquele raro fenômeno, exclamou: «Ou o Deus da natureza padece ou a máquina deste mundo perece.»

Voltado a Atenas, assinalou-se muito naquela universidade por sua sabedoria, por sua eloquência e por seu engenho sobressaliente; tanto que, sem reparar em seus poucos anos, honraram-no com os primeiros empregos e em breve tempo viu-se elevado à dignidade de um dos primeiros juízes do Areópago. Era este o mais respeitável tribunal de toda a Grécia. Celebra a história em mil partes a integridade dos que o compunham; e até os mesmos romanos, em meio de sua vaidade, remetiam a ele muitas causas ambíguas, honrando-se muito de ser admitidos no número dos areopagitas. Achava-se aquele augusto e famoso tribunal em seu maior esplendor quando entrou São Paulo em Atenas, sendo à sazão a cidade mais célebre do mundo pelas ciências que se ensinavam nela e pelo concurso de estudantes e de mestres que acudiam a sua universidade de todas as províncias aonde se estendia a jurisdição do império romano. Era, por dizê-lo assim, como a academia universal de todas as artes e de todos os descobrimentos do engenho; pelo que não podia o Apóstolo escolher teatro mais oportuno para anunciar o Evangelho nem lugar onde estivesse mais viva a curiosidade de aprender coisas novas em matéria de religião. Logo que o santo Apóstolo se fez cargo do lastimoso estado em que se achava a cidade, sentiu-se interiormente comovido e penetrado seu coração da mais viva compaixão à vista de um povo tão idólatra e tão cego. Começou a pregar, segundo seu costume, primeiro aos judeus em suas particulares sinagogas; e saindo depois às ruas e às praças públicas, anunciava o Evangelho a todo gênero de gentes. Quando o ouviram falar da unidade de Deus, de sua imensidade e de sua onipotência, passando depois aos mistérios da encarnação do Verbo e de sua ressurreição, fez tanto eco nos ânimos de seus ouvintes aquela nova doutrina que o denunciaram ao tribunal do Areópago. Compareceu nele São Paulo e deu razão de sua religião, demonstrando tão visivelmente sua verdade, sua santidade e sua excelência que todos os juízes ficaram admirados, ainda que nem todos ficaram convertidos. Renderam-se poucos à força da verdade e entre estes poucos foi um Dionísio Areopagita. As conferências privadas que teve com o Apóstolo abriram-lhe enfim os olhos; e detestando as superstições do gentilismo, abandonou seus bens e renunciou seus empregos por seguir a Jesus Cristo, ficando gostosamente surpreendido quando entendeu que aquele milagroso eclipse que tanto o havia assombrado havia pontualmente sucedido na morte do

mesmo Salvador.

Instruído já perfeitamente nos mistérios e na doutrina da Religião, foi batizado por São Paulo e admitido no número daqueles discípulos que mais se distinguiam em seu carinho. Comunicou-lhe particularmente a ele aquelas luzes sobrenaturais, aqueles divinos segredos que o Apóstolo havia aprendido na mesma fonte quando foi arrebatado até o terceiro céu; e com este descobrimento tirou em Dionísio um dos mais iluminados e dos mais hábeis mestres da vida mística. Crê-se comumente que São Dionísio acompanhou a São Paulo em todas as viagens que fez aqueles três primeiros anos; e que depois, crescendo cada dia o número dos fiéis, o mesmo Apóstolo o consagrou por bispo de Atenas.

Formado em tal oficina e sendo obra de um artífice tão destro, já se deixa discorrer qual seria sua conduta, quanto seu zelo e quanta sua virtude no ministério episcopal. Nenhum bispo foi mais semelhante aos primeiros Apóstolos. Sua vida era uma viva imagem da destes; a mesma inocência, a mesma austeridade e o mesmo fervor. Iluminado pelo mesmo Deus aquele entendimento naturalmente sublime, elevado e perspicaz, foi Dionísio um dos maiores doutores e dos mais sábios mestres da vida espiritual. Em seu admirável livro da Hierarquia eclesiástica, no dos Nomes divinos e em suas epístolas a São Tito, a São Timóteo e a São Policarpo, faz-se visível sua íntima comunicação com Deus, aquele eminente dom de contemplação que possuía e sua sabedoria verdadeiramente divina e celestial. Sua conduta era em tudo correspondente a suas soberanas luzes; e no governo da igreja de Atenas fazia-se palpável a todos que o dirigia o espírito de Deus. Não cabia caridade mais geral e mais ardente, nem zelo mais generoso e mais universal, nem amor de Jesus Cristo mais puro, mais abrasado e mais terno. Mas sobretudo, desde o mesmo ponto de sua conversão foi profundíssima a veneração que professou sempre à Mãe de Deus, asseverando ele mesmo que o majestoso ar e a divina modéstia da santíssima Virgem estavam dizendo a todos quem era aquela Senhora; fazendo-lhe isto tanta impressão que costumava dizer que, a não saber pela fé que não podia haver mais que um só Deus, nunca poderia crer que a Virgem não fosse mais que humana criatura.

Também nos certifica ele mesmo no livro dos Nomes divinos que logrou o consolo de achar-se presente em Jerusalém à morte da Mãe de Deus e de ser testemunha ocular de todas as maravilhas que sucederam nela; querendo a santíssima Virgem dispensar este favor a seu zeloso servo Dionísio, que toda a vida conservou o mais terno amor e a devoção mais extraordinária à soberana Rainha.

Restituído à cidade de Atenas, aplicou-se com maior zelo que nunca ao cultivo daquela nova vinha do Senhor, que a esforços de seu trabalho em breve tempo foi uma das mais floridas porções da Igreja. Igualava ao fervor dos cristãos de Jerusalém o dos novos fiéis de Atenas; correspondia a docilidade da grei aos desvelos do Pastor e muito em breve triunfou a fé de Jesus Cristo naquela capital da Grécia.

Levantou-se-lhe por este tempo seu desterro a São João evangelista, que o estava padecendo pela fé na ilha de Patmos e, restituindo-se a sua igreja de Éfeso, imediatamente nosso São Dionísio foi visitá-lo. Tem-se por certo que, durante sua mansão em Éfeso e nas conversações particulares que teve com o amado Evangelista, o Senhor lhe deu a entender a necessidade que tinham de

operários apostólicos as províncias mais estendidas da Europa, e que lhe inspirou o pensamento de ir oferecer-se ao papa São Clemente para esta missão; e como a igreja de Atenas cada dia se ia fazendo mais numerosa e mais florida, ele mesmo escolheu por sucessor seu a São Públio, a quem São Paulo havia convertido; e depois que o mesmo Públio o informou do estado daquela igreja, na qual havia trabalhado com abundante fruto por largo tempo, feita demissão do bispado, consagrou-o bispo de Atenas, e Dionísio tomou o caminho de Roma, acompanhado do presbítero Rústico e do diácono Eleutério, ambos fiéis companheiros seus em todas as suas viagens e apostólicos trabalhos. Nosso Santo foi recebido pelo papa São Clemente com aquela caridade que une tão estreitamente o coração dos homens apostólicos; e tendo-lhe declarado seus intentos, suplicou-lhe que lhe assinalasse o lugar de sua missão. Alumiado e aceso o santo Papa com o mesmo espírito e animado do próprio zelo, enviou-o às Gálias, onde parecia que dominava o gentilismo com maior império em favor da crassa ignorância em que aqueles povos viviam como anoitecidos.

Partiu imediatamente São Dionísio com São Rieul, São Marcelo, por sobrenome Eugênio, e alguns outros operários que lhe deu o Sumo Pontífice para que todos trabalhassem naquela inculta vinha.

Noticioso São Rieul, discípulo de São João evangelista, de que São Dionísio havia partido a Roma para ir pregar o Evangelho aos gentios nas Gálias, veio buscá-lo e ofereceu-se-lhe por companheiro naquela expedição; o mesmo fizeram São Luciano e São Eugênio com outros excelentes operários; e toda esta tropa de homens apostólicos saiu de Roma para ir levar a luz da fé ao outro lado dos Alpes. É antiga tradição de todas as igrejas da Provença que os santos missionários se dirigiram primeiramente a Arles, onde já havia muitos cristãos batizados por São Trófimo; e que, tendo-se detido São Dionísio algum tempo para cultivar aquela igreja, como o fez com muito fruto, chamando-o a províncias mais distantes o espírito de Deus, consagrou por bispo de Arles a São Rieul, e ele com os demais companheiros se encaminhou a Paris para anunciar o Evangelho.

Logo que entrou naquela cidade, fundada então numa ilha que forma o rio Sena e hoje se chama a ilha do Palácio, viu-se cercado de um imenso gentio; e tendo recebido o dom de línguas (como se deve crer), que era tão comum aos homens apostólicos, falou àquela multidão com tão divina eloquência sobre a risível vaidade de suas mentidas deidades, fazendo-lhes palpável a quimérica impossibilidade de muitos deuses; mostrou com tanta energia a necessidade de crer que nem havia nem podia haver mais que um só Deus verdadeiro, criador do céu e da terra, e que este não podia ser outro que Jesus Cristo, nosso Salvador e nosso Deus; enfim, explicou com tanta elevação e ao mesmo tempo com tanta clareza assim as verdades mais essenciais como a santidade de nossa Religião, que sobre o mesmo fato muitos de seus ouvintes lhe pediram o Batismo. À vista de um suceso tão pronto como feliz, acendeu-se mais e mais o zelo do novo Apóstolo, venerando-o já todos como um homem baixado do céu; e os milagres que obrava cada dia em benefício de um povo tão dócil às verdades da fé o faziam por pontos mais e mais cristão e mais sedento das sagradas puríssimas águas do Evangelho. Desde logo se ergueram diferentes oratórios, sendo tradição, tão respeitável por sua antiguidade como pela autoridade dos grandes homens que a adotaram, que o primeiro destes oratórios ou destas igrejas o dedicou São Dionísio à santíssima Trindade e que estava no mesmo sítio onde se vê ao presente a igreja de São Bento, lendo-se ainda o dia de hoje numa vidraça da capela de São Dionísio estas palavras: «*In hoc sacello sanctus Dionysius cœpit invocare nomen sanctissimæ Trinitatis*»: nesta capela deu princípio São Dionísio a

invocar o nome da santíssima Trindade. O segundo oratório o dedicou a Deus o mesmo Santo em honra da santíssima Virgem; e é a igreja que depois se chamou de Nossa Senhora dos Campos, onde está hoje o convento dos Padres Carmelitas. O terceiro se dedicou aos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, e o quarto a Santo Estêvão.

Diz-se que o primeiro que recebeu o Batismo da mão de São Dionísio foi um dos mais ilustres cavaleiros de Paris, chamado Lisbio, a quem a grande casa de Montmorency reconhece por tronco de sua família, por cuja razão nas batalhas tomou por grito de acometer estas palavras: «Ajude Deus o primeiro cristão.»

À vista de tantas e tão ruidosas conquistas como fazia cada dia nosso Santo, necessariamente havia de consternar-se o ânimo dos pagãos, particularmente o dos sacerdotes dos ídolos, que a seu pesar e tão à custa sua estavam vendo erigir-se a religião cristã sobre as ruínas do gentilismo. Não menos conturbados que interiormente enfurecidos, acudiram a lançar-se aos pés de Fescenino Sisínio, governador das Gálias pelo Imperador, e representaram-lhe que uns estrangeiros vindos para lá dos retirados rincões da Grécia tinham tão transtornado o espírito do cego vulgo e do ignorante povo por meio de seus acostumados feitiços e familiares encantamentos que, em grande desprezo dos deuses imortais, todos se faziam cristãos. Lamentaram-se de que os templos estavam desertos e os sacrifícios abolidos, protestando-lhe que, se não se aplicasse pronto e eficaz remédio, com exemplar suplício das cabeças daquela sacrílega sedição, muito em breve veria o mesmo Governador exterminado de Paris o culto dos deuses do Império. Turbou-se Fescenino ao ouvir tão graves queixas e mandou que fossem arrestados os chefes ou as cabeças dos Cristãos. Não havia coisa mais fácil que dar logo com eles e assim foram imediatamente presos São Dionísio, Lisbio, em cuja casa estava hospedado o Santo, Rústico e Eleutério. Levaram-nos à presença do Governador; e quando estavam em seu tribunal, entrou nele Larcia, mulher de Lisbio, e tão furiosamente idólatra que, raivosa contra o Apóstolo e contra seu mesmo marido, mais com ademanes de fúria que de mulher, começou a acusar Lisbio de que com suas mesmas mãos havia feito pedaços todos os ídolos. Procurou Fescenino perverter aquele cristão cavaleiro com rogos, com promessas e com ameaças; mas vendo sua invencível constância, mandou que ali mesmo lhe cortassem a cabeça à vista de sua mulher; e fazendo depois tudo quanto pôde para intimidar Dionísio e seus companheiros, deu ordem de que todos fossem encerrados nos calabouços de certa prisão imediata, que se chamava a cadeia de Glaucin e com o tempo se converteu numa igreja intitulada São Dionísio do Cárcere, onde não estiveram meramente assegurados, mas atormentados cruelmente ao peso de grossas pedras que carregavam sobre seus corpos.

Passados alguns dias, mandou o tirano que os trouxessem a seu tribunal e perguntou-lhes com fereza se aquele primeiro ensaio os havia feito sisudos ou se eram tão loucos que quisessem acabar a vida com os mais desapiedados tormentos. São Dionísio respondeu em nome de todos que nem os tormentos mais horríveis nem a mesma morte seriam capazes de contrastar a constância de sua fé, posto que era sua vida o mesmo Jesus Cristo por quem desejavam morrer, tendo-se por ditosos se lograssem derramar seu sangue a glória de seu Salvador e de seu Deus. A réplica do Juiz a esta generosa resposta foi uma espessa chuva de açoites com ramais armados de pontas de aço, que despedaçaram os corpos dos santos Mártires até descobrirem-se as entranhas. Era espetáculo digno da atenção dos Anjos ver um venerável ancião com mais de cento e seis anos (não contava menos São Dionísio) cantar incessantemente os louvores do Senhor, com semblante

alegre e risonho, em meio daquela horrorosa carnificina.

Assombrado o tirano de tão magnânima firmeza, mandou-os levar outra vez à cadeia, de onde logo os voltaram a tirar para atormentá-los com maiores suplícios. Mal se podia imaginar como era possível que um velho de mais de cem anos resistisse a tanta barbaridade. Estenderam-no sobre o potro; renovaram-lhe todas as chagas com ganchos de aço; e estendendo-o depois sobre certa espécie de grelhas, foram-no como assando a fogo lento, sem que em todos estes tormentos lhe pudessem arrancar nem uma só queixa nem um só suspiro. É verdade que cada tormento ia acompanhado de um prodígio. Arrojaram-no depois num forno aceso, onde renovou Deus o milagre dos meninos que respiravam refrigério em meio das chamas. Tiraram-no do forno para amarrá-lo a uma cruz, que o Santo converteu em cátedra da verdade, pregando ao povo desde ela a santidade de nossa Religião, o mérito dos trabalhos e a louca impiedade do gentilismo. Tanto tropel de maravilhas aturdiu os pagãos, e mais aturdido que todos o tirano, fez que terceira vez o restituíssem à cadeia, aonde concorreram os fiéis de todas as partes, e assegura-se que, para fortalecê-los na fé, o santo Pastor celebrou o divino sacrifício e a todos deu a Comunhão.

No dia seguinte, 9 de outubro do ano 117, o tirano pronunciou sentença de que Dionísio e seus companheiros fossem degolados, o que se executou no mesmo dia. Fez-se depois uma horrível carnificina nos Cristãos; e diz-se que entre estes Larcia, mulher do santo mártir Lisbio, convertida pelas orações e pelos milagres de São Dionísio, logrou a ventura de merecer a coroa do martírio.

É tradição tão antiga como a morte de nosso Santo que, depois de degolado, o corpo de São Dionísio se pôs de pé por si mesmo, tomou sua cabeça nas mãos e a levou ao lugar onde está hoje a célebre povoação e mosteiro de seu nome, a duas léguas de Paris, cujo portento acabou de converter todo o povo. Acrescenta-se que, acudindo ao ruído deste prodígio uma santa mulher chamada Cátula, a quem o Santo havia convertido, este foi direito a ela, pôs-lhe nas mãos sua cabeça e caiu o corpo em terra, deixando-a depositária de suas preciosas relíquias. Apoderada de tão inestimável tesouro, guardou-o e escondeu-o com o maior cuidado enquanto durou aquela violenta perseguição e, não contente com isso, teve arte para lograr a preço de dinheiro os corpos de seus dois companheiros Rústico e Eleutério. Noticioso São Rieul do martírio de nossos Santos, sentiu-se inspirado de Deus para buscar suas relíquias; e encarregando o cuidado de sua igreja de Arles ao bispo Felicíssimo, que havia ido visitá-lo, partiu a Paris, acompanhado de alguns presbíteros seus. Com as notícias que ali lhe deram, encaminhou-se à aldeia de Charouil, onde encontrou a piedosa matrona Cátula e consagrou em honra de São Dionísio e seus companheiros uma capela de madeira que aquela virtuosa senhora havia erigido sobre o sepulcro dos Santos. Mais de trezentos anos depois, Santa Genoveva, devotíssima de São Dionísio, erigiu outra capela de pedra muito mais capaz, onde, passados outros duzentos anos, o rei Dagoberto fundou aquele célebre mosteiro de São Dionísio e aquela suntuosíssima igreja que os reis da França escolheram para sua sepultura.

Não se ignora que alguns sábios críticos destes últimos tempos querem disputar ao reino da França a glória de haver merecido a São Dionísio Areopagita por um de seus primeiros apóstolos; mas julgou-se mais seguro seguir o parecer do Martirológio e ainda o da mesma Igreja romana, parecendo que a crítica do tempo devera ceder à tradição de mais de mil e duzentos anos e à autoridade do sábio Hincmaro, arcebispo de Reims, de Fortunato, bispo de Poitiers, de Eugênio II,

arcebispo de Toledo, do venerável Beda, de todos os homens grandes que floresceram nos oito últimos séculos, do mesmo concílio de Paris e, enfim, do unânime consentimento da Igreja grega e latina, como o observa o sábio cardeal Barônio nas anotações ao Martirológio Romano.

O Santo Patriarca Abraão, Pai de Todos os Crentes

Abraão, que significa e quer dizer pai de muitas gentes, foi filho de Taré, descendente de Sem, filho de Noé. Teve dois irmãos, Nacor e Arã. O lugar de seu nascimento foi a Caldeia e o povo onde viveu se chamou Ur. Taré era de setenta anos quando engendrou a Abrão, que foi o primogênito e morgado de seus filhos. Dos quais o terceiro, chamado Arã, morreu antes que seu pai e irmãos e deixou um filho que se chamou Ló e duas filhas chamadas Melca e Iesca. Iesca teve outro nome, que foi Sarai ou Sara, como adverte Santo Agostinho, e casou com Abrão, seu tio, porque à sazão semelhante grau de parentesco não era proibido nos casamentos. Melca casou também com seu tio Nacor, irmão de Abraão.

Começou a este tempo, como diz Santo Tomás, a idolatria no mundo, cuja origem e princípio, como se colige do livro da Sabedoria (cap. 14), foi que, morrendo-lhe a um rei ou a um pai rico e poderoso seu filho, sentindo-o demasiadamente, para tomar algum consolo faziam uma figura sua ou imagem, à qual reverenciavam e tinham em muito. Mandavam a seus criados que lhes fizessem oferendas e sacrifícios; desta maneira os que antes haviam sido homens, depois vieram a ser tidos por deuses. O mesmo fizeram logo os filhos com os pais defuntos; e passando adiante a cegueira dos homens, vendo quanto influíam na terra o fogo, os ventos, a água, o sol e a lua, creram que eram os deuses que governavam o mundo e os adoraram. «Oh, deplorável cegueira!», exclama certo escritor sagrado: os homens, cumulados dos dons e benefícios de Deus, desconheceram a mão que os derrama. Foi desconhecido o Criador; e o culto supremo que a ele unicamente é devido prostituiu-se, sendo tributado às criaturas.

Os caldeus, filhos de Sem, em cuja terra vivia Abraão, ainda que conservaram por largo tempo o temor do Senhor, pouco a pouco foram pervertendo-se na corrupção geral e concluíram por chamar Deus ao fogo e adorá-lo, porque lhes aquecia e sazonava os manjares. Próprio da divina bondade era pôr um dique à torrente da idolatria, que ia inundar todas as nações. Sem abandonar os demais povos, que não deviam atribuir sua cegueira mais que a si mesmos, determinou Deus reservar-se ao menos um curto número de adoradores, conservar entre eles o depósito da revelação primitiva e pôr em meio do mundo conhecido um exemplo visível da Providência que convencesse o gênero humano em todos os séculos de que sempre havia sido objeto de sua paternal solicitude e governo.

Abraão, descendente de Sem, sendo ele fiel e servo de Deus, foi escolhido por pai deste novo povo. Mandou-lhe Deus sair da Caldeia, sua pátria, e prometeu-lhe multiplicar sua posteridade e fazê-lo um dia dono do país de Canaã, onde queria estabelecer seu culto. Disse-lhe o Senhor: «Sai

de tua terra e de teu parentesco e da casa de teu pai e vem à terra que te mostrarei. E eu te farei pai de muitas gentes... A tua posteridade darei essa comarca... à qual multiplicarei como as estrelas do céu e como as areias do mar.» A esta promessa acrescentou o Senhor outra de infinito mais lustre: «Todas as nações do mundo serão benditas em ti», isto é, naquele que nascerá de ti, como Deus mesmo o explica mais adiante.

Por esta palavra é Abraão constituído pai de todos os crentes e escolhida sua posteridade para que seja a fonte cujos mananciais de bênção se estendam por todo o universo. Creu Abraão na promessa de Deus e, dando conta disso a seu pai Taré, saiu com ele e com Sara, sua mulher, e seu sobrinho Ló e fez alto em Arã ou Harã, que os dois nomes se acham na Escritura, cuja terra é uma região média entre caldeus e cananeus, chamada pelos gregos Mesopotâmia. Esteve Abraão aqui algum tempo e, tendo já muitos gados e escravos, mandou-lhe Deus que deixasse seu pai e passasse adiante à terra de Canaã, chamada assim porque a habitavam os descendentes de Canaã, filho de Cam. Era a esta sazão Abraão de setenta e cinco anos: obedeceu e saiu com sua mulher Sara, levando consigo seu sobrinho Ló. Chegou a um vale de Siquém na terra prometida de Canaã, onde lhe apareceu Deus e lhe disse: «A tua posteridade darei esta terra.» E Abraão edificou ali um altar ao Senhor, que lhe havia aparecido; e passando dali ao monte que estava ao oriente de Betel, edificou igualmente ali outro altar ao Senhor e invocou seu nome. Conta logo a Escritura que sobreveio fome naquela terra onde Abraão morava e, para livrar-se dela, desceu ao Egito. Mas antes de entrar no Egito falou com Sara, sua mulher, e disse-lhe que, atendido a que era formosa, podia acontecer que os egípcios por ocasião sua o matassem a ele; assim, pois, que dissesse ser sua irmã, com cujo título e por sua causa lhe fariam bem.

Costume era este entre os parentes, e por isso, sendo Sara sobrinha de Abraão, não mentia chamando-o irmão e, portanto, não pecou Abraão, como diz Santo Tomás, em dar este conselho a Sara; antes nos ensina que a verdade sem culpa pode algumas vezes encobrir-se.

Estando no Egito Abraão e sua família, os egípcios deram notícia ao rei da grande formosura de Sara; mandou-a trazer a sua presença e, agradado muito dela, quis que fosse sua mulher. Ainda que, primeiro que as bodas se celebrassem, haviam de passar alguns dias conforme ao costume da terra, nos quais, tendo o Rei a Abraão por irmão de Sara, lhe fez muito bem, acrescentando-lhe sua fazenda, como diz São Jerônimo, em ovelhas, bois, camelos e escravos, bem é de crer que tudo isto dava a Abraão pouco gosto, temendo perder sua honra, ainda que confiava grandemente em Deus, que havia de voltar por ela; e assim voltou, ferindo o Rei e toda a sua casa com pragas e enfermidades. Por onde o Rei, ou avisado de seus sacerdotes ou pelo mesmo Deus, da causa de seu dano, chamou Abraão e disse-lhe: «Que é isto que fizeste comigo? Por que não declaraste que era tua mulher? Senão que, dizendo que era tua irmã, me deste ocasião de que eu pretendesse casar com ela.» Foi dizer: do sucedido tens tu a culpa; que se eu soubera que era tua mulher, não a pretenderia para mim. Mandou o Rei que lhe fosse devolvida Sara a Abraão e, com sua fazenda e família, saiu do Egito e voltou a Canaã.

Não passou muito tempo sem que Abraão e Ló se separassem. Sendo muita a riqueza que ambos tinham em gados e insuficiente o país para alimentá-los estando juntos, daqui sucedia que os pastores de um patriarca e do outro pretendiam os melhores pastos para seus gados e tinham a cada passo diferenças e rixas. O que visto por Abraão, falou a Ló, seu sobrinho, e disse-lhe: «Não é

razão que haja entre nós nem entre nossos pastores enojos, pois somos irmãos.[^1] Aí tens à vista toda a terra, podes escolher a parte que te agradar: se fores à esquerda, eu tomarei a direita; se tu escolheres a direita, eu me irei à esquerda.» Ló pôs seus olhos na terra de Sodoma, junto ao Jordão; e vendo que era fertilíssima, escolheu aquela para sua habitação e fixou sua residência em Sodoma. Abraão escolheu a contrária, que era a terra de Canaã, e o Senhor lhe disse, depois que Ló se havia separado dele: «Levanta teus olhos e olha, desde o lugar em que agora estás, para o Setentrião e o Meio-dia, para o Oriente e o Poente: toda a terra que vês darei a ti e a tua posteridade para sempre. E farei tua linhagem como o pó da terra: se pode algum dos homens contar o pó da terra, poderá também contar tua descendência. Levanta-te e percorre a terra a seu comprido e a sua largura, porque a ti ta hei de dar.» Abraão assentou casa em Hebron, no vale de Mambré, onde edificou altar e ofereceu sacrifício a Deus.

Aconteceu logo que se levantou guerra nas terras onde Ló habitava, e foi que, sendo senhores delas cinco reis e tendo pago tributo doze anos a Codorlaomer, rei dos elamitas, porque se lhe rebelaram e negaram o tributo, veio em companhia de outros três reis seus aliados a batalha contra eles. Na qual os quatro reis venceram os cinco e, pondo-os em fuga, entraram a saque nas terras de Sodoma e Gomorra, fizeram um grande botim e levaram cativos a muitos cidadãos, entre eles a Ló com toda a sua família e fazenda.

Quando soube Abraão o cativeiro de seu sobrinho, juntou ao momento trezentos e dezoito domésticos seus armados à ligeira e foi seguindo o alcance aos inimigos até Dã. Estavam estes bem descuidados quando Abraão, ao chegar a noite, deu com boa ordem neles, derrotou-os, pô-los em fuga e resgatou Ló, seu sobrinho, com os demais prisioneiros e todo o botim.

Saiu o rei de Sodoma a receber seu libertador; e Melquisedec, rei de Salém, seu aliado, ofereceu pão e vinho, porque era pontífice do Altíssimo, e bendisse logo a Abraão, dizendo-lhe: «Bendito Abraão do Deus excelso, que criou o céu e a terra. E bendito o Deus excelso, com cuja proteção os inimigos estão em tuas mãos.» Abraão deu a Melquisedec o dízimo de tudo o que havia tomado aos inimigos em sua derrota. Todos os santos Padres têm visto na oblação de Melquisedec uma imagem da que se faz sobre nossos altares. Não há com efeito coisa mais digna de nossa admiração que ver como, muito tempo antes de Moisés, não oferece em sacrifício mais que pão e vinho o único homem a quem a Escritura chama sacerdote do Deus altíssimo. O rei de Sodoma pediu a Abraão as pessoas que havia libertado e lhe disse que ficasse com a fazenda. Abraão respondeu-lhe que nenhuma coisa tomaria para si, porque não queria que em tempo algum se gloriasse dizendo: «Eu enriqueci a Abraão.»

O Mestre das Histórias diz que desta vitória de Abraão e remissão que fez dos cativos teve origem este nome «sustueo», que é o mesmo que remissão.

Depois destes sucessos teve Abraão uma revelação do Senhor numa visão e, porque o Patriarca se mostrou triste por não ter filhos, consolou-o o Senhor, dando-lhe palavra de que os teria e de que, da maneira que as estrelas do céu não podem contar-se, assim sua geração não se poderia contar. Fez Abraão sacrifício a Deus, por seu mandato, de certos animais: baixaram aves sobre o sacrifício como para comê-lo ou danificá-lo; Abraão as lançava dali, porfiando nisto algum tempo. No que se nos dá a entender que nas boas obras sempre se levantam estorvos: o justo há de ter cuidado de

rejeitá-los e nem por isso desista de seus bons intentos.

O desejo que Abraão tinha de filhos foi ocasião, querendo-o assim Sara, sua mulher, que já não estava em idade de conceber, de que se aproveitasse da dispensação concedida por Deus naquele tempo de ter mais de uma mulher. Sara, pois, disse a Abraão: «Vês que o Senhor me fez estéril; toma, rogo-te, minha serva para que por ela possa eu ter filhos.» Abraão acedeu aos desejos de Sara: desposou-se com Agar. Quando esta advertiu que havia concebido, tomou alguma soberba e desprezou sua senhora. Sara queixou-se a Abraão e ele lhe deu pleno poder para que a castigasse e a fizesse humilde. Vendo Agar que sua senhora a castigava, fugiu da casa de Abraão, só pelos campos. Apareceu-lhe um Anjo perto de uma fonte e consolou-a, dizendo que pariria um filho, a quem poriam o nome Ismael e seria pai de muitas gentes, e que voltasse à casa de Abraão e fosse obediente a sua senhora Sara. O que fez Agar como lhe foi dito e pariu a seu tempo um filho que se chamou Ismael, como disse o Anjo, sendo Abraão de oitenta e seis anos. Quando chegou à idade de noventa e nove anos, sendo Ismael de treze, apareceu-lhe Deus e disse-lhe: «Eu sou o Deus todo-poderoso: anda em minha presença e sê perfeito; e porei minha aliança entre mim e ti e te farei pai de muitos povos e reis que sairão de ti.» Prostrou-se Abraão em terra e disse-lhe Deus que seu nome daí em diante fosse Abraão, que quer dizer pai de uma multidão excelsa, como antes se havia chamado Abrão, que significa pai excelso. A Sara também pôs este nome, tendo-a chamado antes Sarai, que significa princesa ou senhora minha, e assim lhe disse Deus que dela lhe daria um filho a quem lançaria sua bênção e seria pai de muitas nações e reis. Mandou assim mesmo a Abraão que se circuncidasse ele e todos os varões de sua casa e família, para que fosse sinal de que havia escolhido por seu aquele povo. Quis também, e fez lei disso, que todos os meninos de oito dias fossem circuncidados, porque, circuncidando-se, professavam a fé de um mediador que havia de vir e eram limpos do pecado original em que haviam sido concebidos e nascidos. Circuncidou-se Abraão de idade de noventa e nove anos, como se tem dito, e circuncidou todos os varões de sua casa no mesmo dia em que lhe mandou Deus que o fizesse.

Estando depois sentado à porta de sua casa no vale de Mambré, à hora de meio-dia viu três Anjos e, como diz Santo Agostinho, em figura de pessoas humanas. Levantou-se e foi a eles e, posto de joelhos em sua presença, disse: «Senhor, se sou digno de que se me faça esta mercê, não passeis adiante; aqui se vos poderão lavar os pés, e sereis regalados e servidos de comida em casa deste vosso servo.» Há de advertir-se que viu Abraão três e adorou um, onde se nota, como adverte também Santo Agostinho, o mistério da santíssima Trindade. Os Anjos aceitaram o convite de Abraão, e ele entrou presuroso em sua casa e disse a Sara que diligentemente aderezasse comida para aqueles peregrinos. Correu logo ao gado e tomou um bezerrinho tenro e deu-o a seu criado, para que com maior presteza o levasse a sua casa e fosse aderezado.

Nota aqui também Santo Agostinho que Abraão depressa recebeu os peregrinos, depressa mandou aderezar a comida, depressa foi ao gado e depressa enviou a que aderezassem a terneira: é Deus inimigo dos negligentes tíbios e agrada-lhe muito a diligência. Assim o amoesta o Espírito Santo no Paralipômenos: «Fazei todas as coisas com diligência.»

Disse o mais principal dos Anjos a Abraão: «Por este mesmo tempo (ou estação) voltarei por aqui, e tua mulher Sara terá um filho.» Estava Sara atrás da porta da tenda, porque a comida havia sido fora, debaixo de uma árvore, e, ouvindo que havia de ter um filho, riu-se ocultamente, pois os dois

eram anciãos. O Anjo, que fazia as vezes de Deus, disse a Abraão: «Por que se riu Sara duvidando de que possa ser mãe, sendo velha? Porventura para Deus há alguma coisa difícil?» Sara, vendo público o que ela fez em segredo, cheia de temor o negou, dizendo: «Não me ri.» O Anjo replicou: «Não é assim, senão que te riste.»

Sempre o mentir foi culpa, e se os Santos, como o era Sara, alguma vez faltaram nisto, permitiu-o Deus para que vissem outros que eram homens e eles se humilhassem.

Levantaram-se os Anjos da mesa, em que ao parecer de Abraão haviam comido, ainda que nenhuma necessidade tinham de manjar corporal, senão que se acomodavam ao que é próprio do traje e parecer que traziam de peregrinos. Abraão foi acompanhando-os, dirigindo-se eles a Sodoma. O Anjo, que representava a pessoa do Senhor, disse-lhe: «Não quero, ó Abraão, encobrir-te o que vou fazer, havendo de ter tu filhos e descendentes muitos a quem mandarás depois de ti que guardem o caminho do Senhor e sejam justos. O clamor dos de Sodoma e Gomorra se multiplica e seu pecado se agrava; vou ver se é assim como parece.»

Duas coisas são de notar neste passo: uma, que revela Deus a Abraão seus segredos, porque há de ensinar a seus filhos e descendentes a lei do Senhor, dando-nos assim a entender quanto lhe agrada que os pais ensinem a seus filhos a temer a Deus. A outra coisa de notar é, para aviso nosso, que não julguemos o que não sabemos. Diz que vai ver se o que de Sodoma se diz é verdade, maneira de falar acomodada ao estilo dos homens, não porque o ignorasse, que tudo sabe e nada se lhe esconde, mas para mostrar que quer proceder com uma inteira justiça e também para confusão nossa, que dizemos ao contrário do que disse Deus, quando nos falam mal de nossos próximos, sem discernir nem vê-lo, senão com pequenos indícios, pelo que erramos em condenar o justo e fazemos próprio o pecado alheio.

Abraão disse: «Porventura destruirás o justo com o ímpio? Se houver cinquenta justos na cidade, perecerão a uma? E não perdoarás àquele lugar por amor dos cinquenta justos, se se acharem nele?» Respondeu o Senhor: «Se achar cinquenta justos em meio da cidade, perdoarei a todo o lugar por amor deles.» Replicou Abraão: «Já que comecei uma vez, falarei a meu Senhor, sendo pó e cinza. E que, se houver cinco justos menos de cinquenta, destruirás toda a cidade pelos quarenta e cinco?» — «Não os destruirei, disse o Senhor, se achar ali quarenta e cinco.» Não se contentou Abraão com que o negócio ficasse em quarenta e cinco justos; baixou até que lhe deu o Senhor palavra de que, se se achassem dez em todas as cidades de Sodoma, que eram cinco, não as assolaria. E muito confiado Abraão de que este número se acharia, porque deveu de pensar que só em casa de seu sobrinho Ló não faltariam, deixou de falar com o Senhor, o qual falava, diz Santo Tomás (in cap. 18 Gên.), num daqueles três Anjos que fazia suas vezes.

O que em Sodoma sucedeu, porque os dez justos não se acharam conforme ao concerto de Abraão com o Senhor (sendo abrasadas com fogo do céu as cidades daquela terra, ficando livres somente Ló e duas filhas suas, e sua mulher convertida em estátua de sal, por desobediente ao mandato de Deus), determinou Abraão a levantar sua casa de Hebron, não querendo ter tão má vizinhança, e foi-se à parte do Egito e parou em terra de Gerara, onde era rei Abimelec. Avisou Abraão a sua mulher Sara que não o chamasse marido, mas irmão, como já outra vez havia feito, temendo-se do mesmo perigo. E assim foi que, tendo notícia dela Abimelec, mandou trazê-la a sua casa, com

intento de que fosse sua mulher. Era a este tempo Sara de noventa anos. Admira-se Santo Agostinho de que um rei poderoso como era Abimelec se prendasse de mulher de tanta idade, não faltando outras em seu reino de menos dias e formosas: responde o mesmo Santo que havia Sara conservado até em tal idade sua formosura ou porque era estéril ou porque Deus lha havia conservado por particular graça, como a Moisés lhe conservou as forças até a idade decrépita. Genádio diz que Abimelec era temeroso de Deus e bom, como se colige da Escritura: falou Deus em sonhos uma noite a Abimelec e ameaçou-o de morte pelo que havia feito, declarando-lhe que Sara era casada. Assinala a Escritura que Abimelec não conheceu a Sara, o qual, vendo-se ameaçado de Deus, disse: «Senhor, castigarás de morte uma gente ignorante (um povo ou também um homem inocente), mas justa? Acaso ele não me disse: É minha irmã; e ela também disse: É meu irmão? Com singeleza de meu coração e com pureza de minhas mãos fiz isto.» E disse-lhe Deus: «Eu também sei que com singelo coração o fizeste; e por isso te guardei de que pecasses contra mim e não permiti que chegasses a ela. Agora bem, devolve a mulher a seu marido, porque é profeta: e orará por ti e viverás; mas se não quiseres devolver-lha, tem entendido que certamente morrerás tu e tudo o que é teu.» Levantando-se ao ponto Abimelec, cheio de temor, deu conta à gente de sua casa do que lhe havia sido revelado e participaram todos do temor que ele tinha. Chamou a Abraão, repreendeu-o do que havia feito, encobrindo a verdade de quem Sara fosse, em dano seu e de seu estado, pois Deus esteve perto de castigar por aquele pecado todo o reino. Abraão se escusou dizendo que não sabia ele que Deus era temido naquela terra e que se receou de ser morto por ocasião de Sara. «Fora de que em verdade, acrescentou, é também minha irmã», sendo filha de um irmão meu. O Rei deu alguns dons a Abraão, e ele fez oração pelo Rei e sua casa, e por ela tiveram filhos a Rainha, sua mulher, e suas escravas, a quem Deus havia feito estéreis pelo agravo que recebeu Abraão em tirar-lhe sua legítima mulher Sara.

Chegou-se o tempo prometido de Deus a Abraão: concebeu Sara, sua mulher, e pariu um filho a quem puseram por nome Isaac, que quer dizer riso, alegria e prazer. De cem anos era Abraão e Sara tinha noventa quando lhes nasceu Isaac, ao qual circuncidou seu pai no dia oitavo como Deus lho havia mandado. Sara criou-o a seus peitos e dizia: «Quem creria que havia de ouvir Abraão que Sara daria o peito a um filho que lhe pariu sendo já velho?» Assim dispunha Deus os homens para que algum dia cressem o parto de uma virgem, fazendo fecunda uma mulher nonagenária e estéril.

Cresceu, pois, o menino Isaac e, tendo idade proporcionada, que se costumava fazer aos cinco anos, especialmente quando o filho era único, como Isaac em nosso caso, foi desmamado e fez Abraão grande festa e convite o dia de seu desmame. Mas o contento que Abraão tinha com seu filho Isaac não esteve isento de dissabores. Um foi que, tendo visto Sara o filho de Agar zombar de seu filho, pediu a Abraão que o lançasse de casa com sua mãe, acrescentando: «Porque o filho da escrava não há de ser herdeiro com meu filho Isaac.» — «Dura coisa, diz a Escritura, pareceu esta a Abraão por causa de seu filho; mas Deus lhe disse: Não te pareça coisa dura por causa do menino e de tua escrava: em tudo o que te disser Sara, ouve sua voz; porque em Isaac te será chamada descendência, e até ao filho da escrava o farei caudilho de um grande povo, porque é filho teu.» Levantou-se, pois, Abraão de manhã e, tomando pão e um odre de água, carregou-o sobre o ombro de Agar e entregou-lhe seu filho e despediu-a de casa. A qual, tendo partido, andava errante pelo deserto que mais adiante se chamou de Bersabeia; e como se lhe houvesse acabado a água do odre, abandonou o menino, o qual, desfalecido pela sede e fome, deitou-se à sombra de uma das árvores que ali havia. Mas Deus ouviu a voz e clamores do menino, que se via

só e abandonado; e um Anjo de Deus desde o céu chamou Agar e a consolou. Nisto abriu Deus os olhos a Agar, a qual, vendo um poço de água, foi e encheu o odre e deu de beber a seu filho. Viveram ambos no deserto de Farã, perto do Egito, exercitando-se Ismael em matar bestas feras, até que, sendo de idade, sua mãe o casou com uma mulher egípcia; e dele descenderam muitas gentes, chamando-se ismaelitas ou agarenos, tomando o apelido dele ou da mãe.

Por este mesmo tempo Abimelec, rei de Gerara, vendo Abraão tão rico e poderoso, com tantos criados e escravos, receou-se dele. Veio, pois, e lhe disse: «Deus está contigo em tudo o que fazes: jura-me, pois, por Deus que não farás dano a mim, nem a meus descendentes, nem a minha linhagem; senão que, conforme à mercê que te fiz, assim farás comigo e com a terra em que habitaste estrangeiro.» Respondeu Abraão: «Assim to juro.» E deu então queixas a Abimelec acerca de um poço de água que seus criados lhe haviam arrebatado a viva força; ao que respondendo Abimelec que nada havia sabido de tal coisa, tomou então Abraão uma porção de ovelhas e de bois, deu-os a Abimelec e fizeram ambos aliança. E ainda que o poço pertencia a Abraão, porque ele o havia feito abrir ou cavar, isto não obstante, para tirar daí em diante todo motivo de contestação, separou sete cordeiras que ofereceu a Abimelec como preço do poço; sendo por isso chamado aquele lugar Bersabeia, que significa Poço do juramento. Voltou Abimelec a Gerara, sua capital, e Abraão depois plantou um bosque ou arvoredo em Bersabeia e invocou ali o nome do Senhor Deus eterno,[^2] habitando muito tempo como estrangeiro na terra dos palestinos, que é o mesmo que filisteus.

Entretanto crescia e robustecia-se Isaac, fazendo as delícias de seu pai Abraão, quando Deus quis sujeitar seu servo a uma das maiores provas de sua obediência e de sua fé que se têm visto em todos os séculos. Falou-lhe Deus dizendo-lhe: «Abraão, Abraão.» E ele respondeu: «Aqui estou, Senhor.» Disse-lhe: «Toma a Isaac, teu filho unigênito, a quem tanto amas, e vai à terra de Visão e ali mo oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te mostrarei.»

São Marcial, discípulo dos Apóstolos, diz que neste fato quis Deus que se manifestasse a fé e constância de Abraão; não porque esta fosse ignota a Deus, mas porque, como a ele era manifesta, o fosse também a outros, para seu exemplo.

A esta intimação do Senhor, contra a qual levantava o grito o coração de pai, submeteu-se Abraão com admirável obediência. Levantando-se, pois, antes do alvorecer, fez levantar seu filho e, cortada a lenha para o holocausto, com dois criados e um jumento encaminhou-se ao lugar que Deus lhe havia mandado. Ao terceiro dia de caminho, alçando os olhos, divisou o monte ao longe, ao pé do qual mandou Abraão ficar seus dois criados com o jumento; e carregando a lenha sobre seu filho Isaac e levando ele numa mão o fogo e na outra um cutelo, subiram ao monte. Caminhando assim os dois juntos, Isaac fez uma pergunta a seu pai, de que não pouco ele se afligiu, nem foram poucas as lágrimas que derramou; ainda que as sorvia e desapareciam de seus olhos por não declarar até seu tempo o que convinha ter secreto. Disse, pois, Isaac: «Pai meu, aqui levamos fogo e lenha; onde está a vítima do holocausto?» Ao que respondeu Abraão: «Filho meu, Deus se proverá de vítima do holocausto.» Chegam por fim ao lugar assinalado:[^3] Abraão ergue um altar juntando umas pedras com outras, acomoda em cima a lenha, ata nele a Isaac, o qual apresenta o nu pescoço à espada de seu pai, que já levanta o braço para feri-lo, quando eis que de repente o Anjo do Senhor gritou do céu dizendo: «Abraão, Abraão, detém-te, basta: satisfeito estou

de tua fé, pois que por amor de mim não poupaste teu filho unigênito por obedecer-me.» Alçou Abraão os olhos e viu atrás de si um carneiro enredado pelos chifres num sarçal e, tomando-o, ofereceu-o em holocausto em vez de seu filho.[^4] Os doutores hebreus dizem, como refere o Mestre das Histórias, que este sacrifício de Abraão foi o primeiro dia de setembro.

Vê-se à primeira vista que, além de pôr a dura prova a fé de seu servo, tinha Deus outro desígnio mais grande e mais sublime: o de ensinar-lhe como algum dia ele mesmo entregaria seu próprio Filho à morte pela salvação dos homens. Quanto acerca disto manda Deus a Abraão é uma viva imagem do futuro sacrifício de Jesus Cristo: tal é a semelhança que têm entre si a verdade e a figura que não é possível ver esta sem lembrar-se daquela; Isaac carregado com a lenha de seu sacrifício representa Jesus Cristo com a cruz às costas; altar de ambos tem sido o mesmo monte; Isaac, que consente em ser imolado, é contudo atado como se morresse a despeito seu; Jesus Cristo, que dá a vida com soberana liberdade, é encravado no lenho da cruz, a fim de que seu sacrifício voluntário tenha as humilhantes aparências de um suplício forçado. Sufocando Abraão o dolorido amor de sua ternura, manda morrer seu filho; o Pai celestial faz a mesma intimação ao Filho, em quem se compraz desde a eternidade: Jesus Cristo e Isaac são obedientes até a morte e ambos sobrevivem a seu sacrifício; mas Isaac não é imolado nem ressuscita senão em figura, e Jesus Cristo morre e ressuscita com toda a realidade. Mas se Isaac devia representar somente o sacrifício de Jesus Cristo por sua obediência e pelo aparato exterior que a isso concorria, era necessário, para fazer completa a figura, substituir a Isaac outra vítima que, sendo realmente degolada, figurasse em verdade o sacrifício do verdadeiro Isaac: e a Providência dispôs que se achasse ali um carneiro, com a circunstância de ter enredados os chifres num sarçal ou espinhal, para que fosse imagem do Cordeiro de Deus, que foi sacrificado depois de haver sido coroado de espinhos.[^5]

Chamou o Anjo do Senhor por segunda vez desde o céu a Abraão, dizendo: «Por mim mesmo jurei, diz o Senhor, que, em vista de que fizeste esta ação e não poupaste teu filho único por amor de mim, eu te encherei de bênçãos e multiplicarei tua descendência como as estrelas do céu e como a areia que está na orla do mar: tua posteridade possuirá as cidades de seus inimigos e num descendente teu serão benditas todas as nações da terra, porque obedeceste a minha voz.»

Abraão desceu do monte com seu filho e juntamente com os dois criados que havia deixado ao pé do monte voltou a Bersabeia, onde tinha sua habitação. Sendo Sara de cento e vinte anos, morreu em Hebron, terra de Canaã: sua morte foi muito sentida por Abraão e assistiu com lágrimas a celebrar suas exéquias e fazer o luto. Concluído o funeral, rogou aos filhos de Het, senhor da terra, que lhe vendessem uma herdade com uma cova dupla, chamada assim ou porque estavam nela dois sepulcros, que segundo alguns eram de Adão e Eva, ou porque a cova tinha dois apartados, um dentro de outro; neste quis sepultar Sara. Dava-lhe a herdade e cova graciosamente Efron, senhor dela, e não quis Abraão, senão que fosse por preço, para ter maior direito a ela: e assim foi o concerto quatrocentos siclos de prata, que correspondem a três mil cento e cinquenta e três reais de vellón.

Depois que Abraão deu sepultura a sua mulher Sara, quis dar mulher a seu filho Isaac. Para isto chamou um criado ancião que era principal ou mordomo em sua casa, chamado Eliézer, e mandou-lhe que pusesse a mão debaixo de sua coxa e lhe jurasse de que não casaria seu filho Isaac com

mulher da terra de Canaã onde vivia, senão que fosse onde tinha seus parentes, que era na Mesopotâmia. Eliézer foi aonde lhe era mandado e, tendo chegado às imediações da cidade em que habitava Nacor, irmão de Abraão, viu uma fonte e com instância pediu ao Senhor que lhe designasse a que havia ido buscar e escolheu este sinal para conhecê-la: «Quando as jovens da cidade vierem segundo o costume a tirar água da fonte, fazei, Senhor, que a esposa que escolhestes para Isaac seja aquela que, depois de haver-me dado de beber, me faça a mesma oferta para meus camelos.» Não bem acabou de fazer esta oração quando se apresentou a seus olhos a modesta e belíssima Rebeca, filha de Batuel e neta de Nacor: Eliézer aproximou-se dela e pediu-lhe de beber: «Bebe, senhor meu», respondeu a donzela, e prontamente baixou o cântaro sobre seu braço e deu-lhe de beber. E quando ele houve bebido, acrescentou ela: «Também tirarei água para teus camelos, até que todos bebam.» Por aqui conheceu Eliézer que esta devia ser a esposa de seu jovem amo e presenteou-lhe ao instante uns pendentes e braceletes de ouro. Depois de haver dado graças ao Senhor, seguiu a Rebeca à casa de seu pai e, entrando nela, declarou que era o criado de Abraão e expôs o motivo de sua viagem. Não duvidou Batuel que tal fosse a vontade de Deus e consentiu no matrimônio. Tendo declarado Rebeca que estava pronta a partir com Eliézer, tomou este ao dia seguinte a volta de Canaã. Aproximando-se os viajantes do lugar onde morava Abraão, Isaac, que havia saído ao campo ao cair da tarde para meditar, viu vir os camelos ao longe e saiu ao encontro deles. Viu-o Rebeca e perguntou a Eliézer: «Quem é aquele que vem a nosso encontro?» E ele a ela respondeu: «Aquele é meu amo.» Ela ao instante apeou-se do camelo e cobriu-se modestamente com seu manto. Isaac fê-la entrar no pavilhão de Sara, sua mãe, tomou-a por mulher e amou-a em tanto grau que se lhe temperou a dor que lhe havia causado a morte de sua mãe.

Depois do casamento de Isaac diz a Escritura que o patriarca Abraão se casou com outra mulher chamada Cetura, da qual teve seis filhos, chamados Zamrã, Jecsã, Madã, Madiã, Jesboc e Sué; mas deu toda a sua herança a Isaac; bem que fez grandes donativos aos filhos de suas concubinas,[^6] e separou-os, vivendo ainda ele, de seu filho Isaac, enviando-os para a parte oriental ou seja a Arábia Deserta. Com isto atendeu Abraão a que se conservasse a paz entre seus filhos e a apartar a Isaac, em quem recaíam as promessas e bênçãos do Senhor, de todo perigo de idolatria e dos vícios em que caíram os descendentes de Ismael e de Cetura.

Chegou Abraão à idade de cento e sessenta e cinco anos, viu seus netos Esaú e Jacó de quinze anos, como nota Santo Agostinho, e morreu em boa velhice, cheio de dias. Sepultaram-no seus dois filhos Isaac e Ismael em Hebron, na cova onde Sara estava sepultada. Foi sua morte no ano da criação 2123, o 97 de sua saída de Harã, e 1817 antes de Jesus Cristo. Chamar-se Abraão patriarca e ter este título outros Santos vem de que foram principais e cabeças, ou de linhagem ou de família ou de congregação. Os lugares da Escritura em que se faz menção de Abraão são muitos, porque quase não há livro onde não se diga dele alguma coisa em grande louvor seu. São Lucas, escrevendo o fim próspero e felicíssimo daquele pobre e mendigo Lázaro, cuja vida havia sido tão miserável, diz que morreu e foi levada sua alma pelos Anjos ao Seio de Abraão. Chama-se neste lugar Seio de Abraão o limbo onde estavam as almas dos santos Padres esperando o advento santo de Jesus Cristo, para ser livres daquela escura prisão, e isto por razão de que todos os que ali iam tiveram no mundo fé de um Mediador. E porque Abraão se chama Pai primeiro da fé, como diz São Jerônimo, por haver sido grandíssima a que teve, por isto diz que os recebia em seu seio, isto é, no

seio do inferno chamado limbo dos Padres, onde Abraão era tido e reverenciado como Pai. Não é de esquecer aqui o bom exemplo que deixou Sara às mulheres casadas, como o advertiu o apóstolo São Pedro numa carta, dizendo dela que ouvia e obedecia a Abraão, seu marido, e o chamava senhor. De Abraão lê a Igreja católica nas lições das Matinas da Quinquagésima e nas duas férias seguintes, e nomeia-o no cânon da missa, pedindo a Deus que receba aquele sacrifício como recebeu e aceitou o que lhe ofereceram Abel, Abraão e Melquisedec. Do qual lugar se infere, e é deste parecer Santo Tomás, que foi Abraão sacerdote, como o foram Abel e Melquisedec, pois assim como eles ofereceu sacrifício.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Dionísio e de seus companheiros, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui hodierna die beatum Dionysium martyrem tuum atque pontificem, virtute constantiæ in passione roborasti, quique illi ad prædicandum gentibus gloriam tuam, Rusticum et Eleutherium sociare dignatus es: tribue nobis, quæsumus, eorum imitatione pro amore tuo prospera mundi despicere, et nulla ejus adversa formidare. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que neste dia fortalecestes com a virtude da constância vosso mártir e pontífice São Dionísio para padecer o martírio e lhe destes por companheiros a Rústico e a Eleutério para anunciar o Evangelho aos gentios, suplicamo-vos que nos concedais que, a imitação sua, desprezemos por vosso amor as prosperidades do mundo e de nenhum modo temamos suas adversidades. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 17 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 17,22-34

> **Latim:** 22 Stans autem Paulus in medio Areopagi, ait : Viri Athenienses, per omnia quasi superstitiosiores vos video. 23 Præteriens enim, et videns simulacra vestra, inveni et aram in qua scriptum erat : Ignoto Deo. Quod ergo ignorantes colitis, hoc ego annuntio vobis. 24 Deus, qui fecit mundum, et omnia quæ in eo sunt, hic cæli et terræ cum sit Dominus, non in manufactis templis habitat, 25 nec manibus humanis colitur indigens aliquo, cum ipse det omnibus vitam, et

> inspirationem, et omnia : [26] fecitque ex uno omne genus hominum inhabitare super universam faciem terræ, definiens statuta tempora, et terminos habitationis eorum, [27] quærere Deum si forte attrectent eum, aut inveniant, quamvis non longe sit ab unoquoque nostrum. [28] In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus : sicut et quidam vestrorum poëtarum dixerunt : Ipsius enim et genus sumus. [29] Genus ergo cum simus Dei, non debemus æstimare auro, aut argento, aut lapidi, sculpturæ artis, et cogitationis hominis, divinum esse simile. [30] Et tempora quidem hujus ignorantiæ despiciens Deus, nunc annuntiat hominibus ut omnes ubique pœnitentiam agant, [31] eo quod statuit diem in quo judicaturus est orbem in æquitate, in viro in quo statuit, fidem præbens omnibus, suscitans eum a mortuis. [32] Cum audissent autem resurrectionem mortuorum, quidam quidem irridebant, quidam vero dixerunt : Audiemus te de hoc iterum. [33] Sic Paulus exivit de medio eorum. [34] Quidam vero viri adhærentes ei, crediderunt : in quibus et Dionysius Areopagita, et mulier nomine Damaris, et alii cum eis.

Português: [22] Paulo pois, posto em pé no meio do Areópago, disse: Varões Athenienses, em tudo, e por tudo vos vejo hum pouco excessivos no culto da vossa religião. [23] Pois indo passando, e vendo os vossos simulacros, achei tambem hum altar, em que se achava esta letra: Ao DEOS DESCONHECIDO. Pois aquelle Deos que vós adorais sem no conhecer, esse he de facto o que eu vos annuncio. [24] Deos, que fez o mundo, e tudo o que nelha ha, sendo elle o Senhor do cco, e da terra, não habita em templos feitos pelos homens, [25] nem he servido por mãos de homens, como se necessitasse d'alguma creatura, quando elle mesmo he o que dá a todos a vida, e a respiração, e todas as cousas: [26] e de hum só fez todo o genero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra, assignando a ordem dos tempos, e os limites da sua habitação, [27] para que buscassem a Deos, se por ventura o podessem tocar, ou achar, ainda que não esteja longe de cada hum de nós. [28] Porque n'elle mesmo vivemos, e nos movemos, e existimos: como ainda disserão alguns de vossos poetas: Porque d'elle tambem somos linhagem. [29] Sendo nós pois linhagem de Deos, não devemos pensar que a Divindade he semelhante ao ouro, ou á prata, ou á pedra lavrada por arte, e industria de homem. [30] E Deos dissimulando por certo os tempos d'esta ignorancia, denuncia agora aos homens, que todos em todo o lugar faça penitencia, [31] pelo motivo de que elle tem determinado hum dia, em que ha de julgar o mundo, conforme a justiça, por aquelle varão, que destinou para Juiz, do que dá certeza a todos, resuscitando-o d'entre os mortos. [32] E quando ouvirão a resurreição dos mortos, huns na verdade fazião zombaria, e outros disserão: Outra vez te ouviremos sobre este assump-to. [33] Assim sahio Paulo do meio d'elles. [34] Todavia alguns varões aggregando-se a elle, abraçarão a fé: entre os quaes foi não só Dionysio Areopagita, mas tambem huma mulher por nome Damaris, e com elles outros.

Reflexões

Alguns o seguiram e creram nele. O concurso era numeroso: o santo Apóstolo com todos falava e a todos anunciava o caminho do céu; a todos ensinava Deus os meios da salvação pela boca daquele herói do Evangelho; a todos alumiava a luz da fé: mas nem todos obedecem ao Evangelho, nem abrem os olhos à luz. Dionísio, uma mulher de alguma distinção e alguns outros poucos: a isto se reduziu o curto número dos que creram. Sempre é, e sempre será, muito reduzida a grei dos predestinados. Prega-se, anuncia-se, por dizê-lo assim, até sobre os mesmos telhados as verdades da Religião: a ninguém se oculta nem se dissimula a lei de Jesus Cristo e a santidade de sua doutrina: concorre-se atropeladamente aos sermões; ricos, pobres, cavaleiros, magistrados, oficiais, todos, ao menos alguma vez, se acham nestes cristãos concursos: nada edifica mais, nada consola tanto como estes numerosos concursos a ouvir a palavra de Deus; mas correspondem as conversões ao tropel prodigioso dos concorrentes? Não é fácil contar todos os que assistem aos sermões; mas muito facilmente se contam os que se convertem com eles. Dionísio pertencia à classe dos magistrados. Dâmaris era uma senhora principal e muito conhecida em Atenas: assim dispõe Deus, para confusão das almas que se fazem surdas às vozes da Graça, que em todos os estados se encontrem corações fiéis e dóceis a ela. A todo o Areópago anuncia São Paulo a fé de Jesus Cristo; ouvem tranquilamente a palavra de Deus ao pé de quinhentos magistrados que compunham aquele célebre e famoso tribunal, todos admiram o pregador; mas um só se rende aos interiores avisos da Graça. Da mesma maneira, numa populosa cidade de todos se deixa ouvir a palavra de Deus, dos grandes e do povo: numa comunidade religiosa todos têm umas mesmas regras, a todos se dá uma mesma doutrina, todos admiram uns mesmos bons exemplos; mas esta divina semente produz em todos o cento por um? Ó bom Deus, e que prova tão visível de que é curto o número dos escolhidos! «Poucos escolhidos»; mas se este número não é maior, imputemo-lo unicamente a nossa perversa vontade. Aquele grande número de sábios atenienses, aqueles famosos juízes do Areópago, tão aplaudidos, tão ponderados por sua rara capacidade, por sua imaginária sabedoria, por sua incorruptível integridade, estarão conhecendo por toda a eternidade, sem que lhes fique o menor gênero de dúvida, que Deus queria sinceramente sua salvação; e que com este fim lhes enviou São Paulo para que os brindasse com os meios de consegui-la: para que lhes ensinasse qual era a verdadeira sabedoria e o caminho seguro do céu; e que, se não se quiseram aproveitar daquela ocasião, foi meramente por culpa sua.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas (o impresso traz «xi»).

Lucas 12,1-8

> **Latim:** [1] Multis autem turbis circumstantibus, ita ut se invicem conculcarent, cœpit dicere ad discipulos suos : Attendite a fermento pharisæorum, quod est hypocrisis. [2] Nihil autem opertum est, quod non reveletur : neque absconditum, quod non sciatur. [3] Quoniam quæ in tenebris dixistis, in lumine dicentur : et quod in aurem locuti estis in cubiculis, prædicabitur in tectis. [4] Dico autem vobis

> amicis meis : Ne terreamini ab his qui occidunt corpus, et post hæc non habent amplius quid faciant. [5] Ostendam autem vobis quem timeatis : timete eum qui, postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam : ita dico vobis, hunc timete. [6] Nonne quinque passeres veneunt dipondio, et unus ex illis non est in oblivione coram Deo ? [7] sed et capilli capitis vestri omnes numerati sunt. Nolite ergo timere : multis passeribus pluris estis vos. [8] Dico autem vobis : Omnis quicumque confessus fuerit me coram hominibus, et Filius hominis confitebitur illum coram angelis Dei :

Português: [1] E COMO se tivessem ajuntado á roda de Jesus muitas gentes, de sorte que huns a outros se atropelavão, começou elle a dizer a seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos Fariseos, que he a hypocrisia. [2] Porque nenhuma cousa ha oculta, que não venha a descobrir-se: e nenhuma ha escondida, que não venha a saber-se. [3] Porque as cousas que dissesest nas trévas, ás claras serão ditas: e o que fallastes ao ouvido no gabinete, será apregoado sobre os telhados. [4] A vós-outros pois, amigos meus, vos digo: Que não tenhais medo d'aquelles que matão o corpo, e depois d'isto não tem mais que fazer. [5] Mas eu vos mostrarei a quem haveis de temer: temei aquelle, que depois de matar, tem poder de lançar no inferno: sim eu vo-lo digo, temei a este. [6] Não se vendem cinco pardáes por douz reís, e nem hum d'elles só está em esquecimento diante de Deos? [7] E até os cabellos da vossa cabeça todos estão contados. Pois não temais: porque de maior valia sois vós-outros, que muitos pardáes. [8] Ora eu vos declaro: Que todo o que me confessar diante dos homens, tambem o Filho do homem o confessará ante os anjos de Deos:

Meditação

Do mau exemplo

Primeiro ponto

Considera que o mau exemplo faz na alma o mesmo que o contágio ou a peste faz no corpo. Não há coisa que se pegue mais facilmente nem mais prontamente que uma enfermidade contagiosa. Sentia-se um são e bom; a idade, o temperamento, a constituição, a boa cor, tudo lhe prometia longa vida; mas tratou com um empestado, entrou em sua casa, usou incautamente de seus móveis; pois no mesmo ponto sente-se acometida do mesmo mal aquela pessoa tão robusta e dentro de vinte e quatro horas já está na sepultura. Esta é a imagem mais viva e a mais natural dos efeitos do mau exemplo. Conservava-se em sua inocência aquele jovem; aquela terna donzela ignorava ditosamente o mal, estremecia com só a sombra do pecado; educada no santo temor de Deus, bem instruída em suas obrigações, vivia com tanta pureza de costumes, com tanta devoção, com tanto fervor, que tudo prognosticava uma cristã perseverança, quando eis que em menos de nada um mau exemplo sufocou de repente todos aqueles afetos tão piedosos, todas aquelas boas inclinações, todo aquele fervor e toda aquela devoção. Logo que se juntou com aquelas outras

amigas pouco cristãs, logo que estreitou amizade com aquelas companheiras espalhadas e nada ajustadas, mal se lhe puseram à vista aqueles maus exemplos de indevoção, de relaxação, de vaidade mundana e de profanidade, quando se desvaneceram todas as máximas, todos os princípios de educação e de religião: perdeu-se o gosto à virtude, extinguiu-se o amor à regularidade, desapareceu a delicadeza de consciência e já não se lhe representa o vício com sua natural deformidade, já não lhe causa horror. O mesmo costume de ver obrar mal doméstica a paixão que induz a fazê-lo. Um menino só ouve falar em sua casa daquelas matérias que o seriam nas conversações ordinárias dos gentios; pois pouco a pouco vai desaprendendo a ser cristão. Está uma mãe toda embebida no espírito do mundo; pois inspira-o em sua filha: ocupa os dias e as noites nas visitas mais inúteis, no passeio, no jogo, em bailes e em saraus; pois a filha não dá ouvido a outras lições que aos exemplos da mãe. Desenganemo-nos: nada faz tanta impressão nos corações da gente moça como o mau exemplo. Contra as sugestões do inimigo da salvação já um se defende; à tentação e à inclinação ao mal já se resiste; mas é muito dificultoso não render-se à lisonjeira persuasão do mau exemplo, o qual encontra sempre o coração propenso ao mal e as paixões prontas a amotinar-se logo que o mau exemplo as favoreça. Por outra parte a desordem dos sentidos, a inclinação natural, o amor-próprio, tudo dispõe, tudo solicita, tudo tenta a alma logo que se deixa ver o mau exemplo. Daqui nasce que vinte bons exemplos não converterão uma pessoa irregular e indevota de uma comunidade; e um só mau exemplo muitas vezes perverte a mais de sessenta. Com quanta precaução é mister viver contra um mal tão contagioso!

Segundo ponto

Considera de que funesta consequência são os maus exemplos que dão aqueles a quem Deus destinou para que fossem modelos e exemplares de outros e que terrível conta pedirá àqueles pais e àquelas mães que dão maus exemplos a seus filhos. Cruéis homicidas dos mesmos que engendraram, aos quais parece que somente deram a vida do corpo para tirar-lhes a da alma. Havia posto Deus a seu cuidado aquelas almas inocentes, havia-lhes encarregado que lhes ensinassem a lei e os mandamentos, educando-as em seu serviço. De que enorme delito se farão réus se, abusando com sacrílega prevaricação da autoridade e do ministério em que só Deus os colocou, ensinam com seus maus exemplos a seus filhos a atropelar esta lei, a desprezar seus mandamentos, a amotinar-se contra ele e a gostar de tudo o que seja ofendê-lo e não servi-lo! Perdoará Deus tão escandalosa, tão ímpia prevaricação? Oh, quantos pais e mães se condenarão pelos maus exemplos que deram a seus filhos! E o dano que estes lhes fizeram, remediar-se-á porventura com que os pais o conheçam, o sintam e o chorem quando velhos? Pode-se muito bem dizer que os maus exemplos das pessoas distinguidas, ou por seu nascimento ou por sua dignidade ou por seus empregos ou por seus grandes talentos ou por seus respeitáveis anos ou por seu extraordinário mérito, são como pecados originais que se multiplicam e se perpetuam por sua desgraçada fecundidade. Já não está em sua mão nem detê-los nem repará-los; mas esta impossibilidade, que se devia prevenir e se devia evitar, os justificará porventura diante dos olhos de Deus? Quanto dano fazem numa comunidade religiosa os perniciosos exemplos de relaxação, de inobservância, de indevoção que dá um superior pouco ajustado, que dão os sujeitos mais autorizados por sua sabedoria e por seus talentos, que dão os anciãos dignos de respeito por sua mesma venerável ancianidade! Ainda que Jesus Cristo nos diga: «Observai e fazei tudo o que eles disserem; mas não façais conforme a suas obras», já se sabe que estas fazem mais impressão que

as palavras e que sempre nos leva mais a atenção aquilo que se vê que aquilo que se ouve. Não há coisa que mais desarme, que mais tire a força às ordens do superior que o ver, o palpar os súditos que o mesmo superior não faz o que ordena. Perde toda a sua força um bom conselho quando não o pratica o mesmo que o dá.

Ó Senhor, e quanto tenho de que acusar-me neste ponto! Perdoai-me por vossa infinita misericórdia todo o dano que tenho causado com meus maus exemplos; resolvido estou a repará-lo, mediante vossa divina graça, com uma conduta inteiramente contrária à que tenho observado até aqui.

Jaculatórias

Perdoai-me, Senhor, os pecados de que tenho sido causa com meus maus exemplos. (Sl 18.)

Fazei, Senhor, que eu me abstenha até de só a aparência do mal. (1Ts 5.)

Propósitos

1. «Se alguém escandalizar a um só destes pequeninos que creem em mim (diz o Salvador), melhor lhe seria ser arrojado no mais profundo do mar com uma pedra de moinho ao pescoço.» Que deverão pensar deste modo de explicar-se o Filho de Deus aqueles que dão maus exemplos aos súditos, aos filhos e aos domésticos? E que remorsos não despedaçarão o coração de um pai, de uma mãe, de um amo pouco cristãos e de um superior pouco exemplar! Ainda os mesmos particulares menos virtuosos, menos ajustados, não serão também réus das perniciosas impressões que fazem com seus maus exemplos? Examina desde logo tudo aquilo em que te remorder a consciência sobre ponto tão importante e tão essencial; não deixes de fazer quanto te seja possível para reparar os danos que possas haver feito com uma vida pouco ajustada e com tuas livres conversações.

2. Não só se dá mau exemplo fazendo coisas más: também se dá, e não é menos contagioso, omitindo as boas que se deveriam fazer. Um pai, uma mãe, um amo a quem mal se vê na igreja, que não frequentam os Sacramentos, que raras vezes ouvem uma missa, edificam muito mal a seus filhos, criados e dependentes. Aquelas pessoas de autoridade que sofrem que se fale com pouco respeito da Religião em sua presença autorizam a maledicência e a impiedade. Examina-te acerca destes dois pontos, que oferecem copiosa matéria a importantes reflexões.

[^1]: É uma expressão hebraica que significa: somos parentes muito próximos. (Scio.) [^2]: Como não havia ainda lugar destinado para o exercício da Religião, costumavam erigir altares para este fim em lugares elevados ou nos bosques. [^3]: No monte chamado por isso Moriá, isto é, Visão; onde foi depois edificada Jerusalém e numa de cujas colinas esteve depois o Calvário. Este monte estava distante de Bersabeia cerca de cinquenta milhas. [^4]: Não consta que anos tinha Isaac quando isto aconteceu. Josefo e outros intérpretes creem comumente que tinha vinte e cinco anos.

Nesta idade poderia haver-se resistido a morrer; poderia ter fugido, escapando-se do perigo; mas logo que ouviu da boca de seu pai que aquela era a disposição de Deus, inclinou a cabeça, conformou-se com a sentença e, sem abrir seus lábios, abraçou-se com o decreto de morte que se lhe intimava, figurando assim a altíssima obediência com que Jesus se ofereceu à cruz. [^5]: Santo Agostinho, liv. 11 contra Maximino, cap. 26. Santo Ambrósio, liv. I, de Abraão, cap. 6. [^6]: Este nome nos autores sagrados significa uma mulher legítima que não era tomada com as cerimônias ordinárias: uma mulher de segunda ordem e inferior à principal e à senhora da casa. Os filhos das concubinas não tinham parte na herança dos bens do pai; bem que o pai podia, estando ainda em vida, fazer-lhes alguns donativos, como se vê em nosso caso.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:26 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:26 by Admin